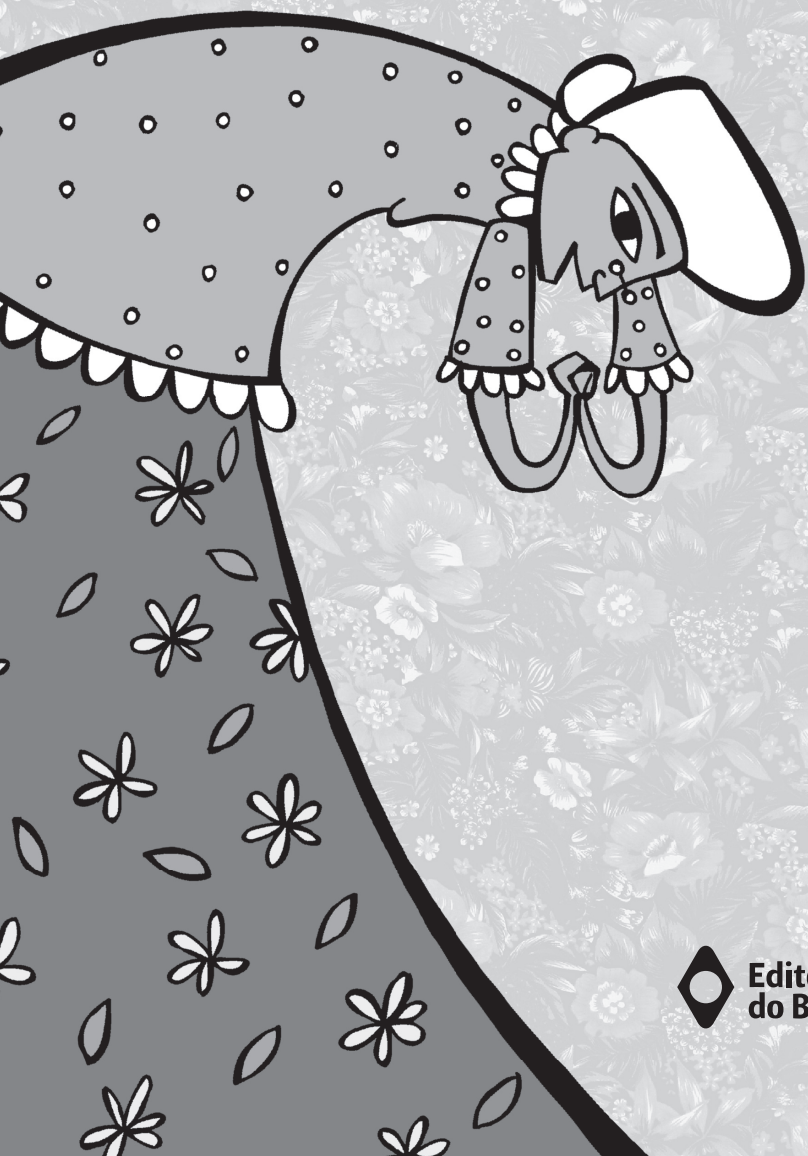


A VELHINHA

E O

PORCO

ROSINHA



Suplemento do Professor
Elaborado por Maria Elaine Andreotti



Para começar

Cultura popular é cultura

Afinal, o que é cultura? Onde podemos encontrá-la? Nos livros, nos museus, nos novos suportes digitais? Nas festas tradicionais, nas cantigas de roda? As respostas, talvez tão óbvias para alguns, revelam perspectivas muito variadas e que comumente geram dissensos entre as pessoas.

A noção de cultura é determinada por aspectos sociais e individuais, públicos e privados, por isso é difícil explicá-la sem, ao mesmo tempo, arriscar-se a limitá-la a um modelo. Há tipos de cultura – geralmente das chamadas esferas eruditas – que têm mais prestígio, enquanto outras – que exprimem a tradição de comunidades e grupos menos favorecidos ou afastados das grandes cidades – são consideradas pitorescas ou, então, são abertamente discriminadas.

É por meio de critérios arbitrários e subjetivos que se define o que deve ganhar *status* de patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, se excluem manifestações riquíssimas. No entanto, com o passar do tempo, esse tipo de julgamento pode causar um sério prejuízo à identidade cultural dos povos, pois mutila a memória e permite que as lacunas sejam preenchidas por uma cultura artificial, de empréstimo.

Desse modo, ao falar de cultura, devemos pensar numa comunidade, num país, num continente... num mundo de possibilidades. A cultura se manifesta na praça e no museu, no sertão do Nordeste e nas comunidades ribeirinhas do Norte, na orquestra, na literatura, na roda de capoeira e na avó que acalenta seus netos. Pode ser resgatada nas brincadeiras de rua, na memória e na fala das pessoas, que produzem e reproduzem cultura o tempo todo.

Literatura na ponta da língua

A **Coleção Akpalô – Cultura Popular** (*Akpalô* é uma palavra de raiz africana que significa “contador de histórias”) procura resgatar um pouco dessa riqueza cultural que sobrevive na memória e ainda é pouco encontrada em livros e outros registros. Ela reúne histórias criadas e recriadas por meio de di-

versos gêneros da literatura oral: conto acumulativo, adivinhas, trava-línguas, parlendas, cantigas de roda, quadrinhas, entre outros.

Voltados, sobretudo, para o público infantojuvenil, os textos reunidos nesta coleção despertam nas crianças o prazer da leitura, pois trabalham com enredos simples e lúdicos que os tornam, desse modo, uma importante ferramenta no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e, também, de outras disciplinas que abordam o folclore e temas afins.

A velhinha e o porco

Contos acumulativos (ou cumulativos) como o deste livro são bastante comuns nas mais diversas culturas – especialmente pelo fato de todas, de alguma forma, terem caráter essencialmente oral em seus primórdios. Histórias assim passaram a fazer parte do folclore de algumas regiões e foram sendo transmitidas de geração em geração como forma de brincar com a memória e com as possibilidades da língua. Assim, esses gêneros chegam aos dias atuais adaptados à linguagem escrita e configuram-se como ótimos instrumentos para o trabalho com a língua, a literatura e as demais disciplinas em sala de aula.

Uma boa história é suficiente para despertar o prazer da leitura. No entanto, se ela puder também se tornar uma brincadeira, a experiência será ainda mais proveitosa e estimulante. É isso que ocorre no conto *A velhinha e o porco*, uma narrativa de repetição e acúmulo que consegue, por meio de sua forma, causar no leitor estranhamento e riso. Sua provável origem é a Inglaterra, e foi inicialmente publicada na versão escrita por Joseph Jacobs, um pesquisador do folclore inglês e responsável, entre outras coisas, pela difusão do famoso conto *Os três porquinhos*.

Com estrutura resgatada da tradição oral – entre as muitas variações e temas existentes em diferentes línguas e culturas –, essa narrativa não tem a pretensão de suscitar reflexões nem comporta uma moral edificante. Afinal, uma boa história não é feita apenas de conteúdos sisudos; literatura é também o simples prazer de brincar com palavras. É o que ocorre neste livro, no qual a memória e a capacidade de encadear acontecimentos dão o tom à história.

Propostas de atividades

Preparação de leitura

Proponha aos alunos uma roda de leitura. Essa forma de organizá-los facilita a interação e potencializa a concentração, além de tornar a atividade mais descontraída. Primeiramente, faça a leitura em voz alta, observando as reações e pedindo que visualizem novamente as imagens. Estimule-os a expor a opinião sobre o conto e proponha uma segunda leitura, agora dramatizada, distribuindo os papéis e a fala de cada personagem aos alunos.

Pesquisa sobre o conto acumulativo

Após a leitura do conto, pergunte aos alunos se eles conhecem outras histórias ou músicas que constroem uma narrativa usando a repetição de frases e a incorporação de novos personagens atrelados a uma única ação (há muitos exemplos, como a música “A vó a bordar”, do programa *Cocoricó*, da TV Cultura; a história do macaco e da espiga de milho; ou a da formiga na neve). Caso eles não se lembrem imediatamente de correspondentes, oriente-os a perguntar aos pais, avós, tios, ou a fazer pesquisa na internet.

Seguem algumas indicações de sites interessantes para consultar:

- Revista *Jangada Brasil* – Edição especial sobre contos populares brasileiros: <<http://jangadabrasil.com.br/revista/setembro82/links.asp>>.
- Recanto das Letras: <www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1637230>.
- Biblioteca Cecília Meireles (Belo Horizonte – MG): <<http://bibliotecaceciliameireles.blogspot.com.br/2008/09/tipos-de-contos.html>>.

A construção do humor no conto acumulativo

Peça a um aluno que conte resumidamente a história *A velhinha e o porco* (dê preferência àquele que se dispor a contá-la voluntariamente). Depois, proponha que todos tentem desvendar o seguinte mistério: Quais são os elementos que tornam a história tão envolvente e engraçada? Isso acontece do mesmo modo na história resumida?

Entre as variadas respostas, é importante que os alunos reconheçam que o desencadeador do riso é o chamado “elemento surpresa”. Em uma piada, por exemplo, o elemento surpresa é o desfecho inesperado. No caso de um conto acumulativo, como em *A velhinha e o porco*, podemos dizer que é a repetição, pois ela provoca no leitor ou ouvinte certo nervosismo, já que parece partir sempre do mesmo ponto e nunca chegar ao fim, embora cause simultaneamente expectativa sobre como será o desfecho.

Por fim, chame a atenção dos alunos para o fato de esse gênero também ser conhecido como “lenga-lenga”, expressão de uso comum e que talvez muitos conheçam. Peça que façam uma pesquisa no dicionário a respeito do significado dessa expressão ou que relembrem em que contexto ela é utilizada.

Lógica e memorização

Organize uma gincana da memória: forme duplas ou grupos e peça que releiam e memorizem a história. Assim que estiverem seguros, solicite a cada grupo que reproduza oralmente, sem ler, a história.

É muito provável que, na primeira tentativa, nenhum deles consiga se lembrar da ordem em que aparecem os personagens. Entretanto, você poderá chamar a atenção deles para a lógica contida na sequência de entrada desses personagens. Primeiramente, a velha, personagem principal; depois, o porco teimoso, que não quer atravessar a ponte. A partir de então, estabeleça as relações lógicas com perguntas simples: Que animal pode morder? E o que pode queimar o rabo do cachorro? O que pode apagar o fogo? O que pode acabar com a água? Que animal tem mania de roer? Que animal gosta de correr atrás de ratos?

Ainda que a lógica não seja perfeita, na fábula ela fará sentido, já que os alunos terão memorizado os personagens mesmo não tendo certeza da ordem de aparição deles. Desse modo, eles poderão perceber que, assim como a música ou o poema tem rimas que facilitam a memorização, o conto acumulativo usa a repetição para duas finalidades: imprimir humor à história e possibilitar

sua memorização, já que ele está no âmbito da tradição oral.

Contar com imagens

Essa proposta deve complementar a atividade 8 do Suplemento de Atividades. Com ela, pretendemos mostrar ao aluno que, em qualquer exercício de redação – seja de um livro, seja de um conto –, os elementos pictóricos devem ter igual importância para a significação.

Depois de escreverem seu próprio conto acumulativo, os alunos terão a oportunidade de ilustrá-lo, tal como fez Rosinha, a autora de *A velhinha e o porco*. Para isso, reserve uma ou duas aulas para que eles produzam, do modo como preferirem, as ilustrações de sua história. Para estimulá-los, proponha que observem inicialmente as ilustrações do

livro e verifiquem que o destaque é todo para os personagens (chame atenção para o fato de a paisagem ser nada mais que um fundo florido e alguns poucos elementos); como eles estão em sintonia com as passagens da história; como a progressão da história vai modificando a expressão da velhinha.

Leve-os também a perceber a liberdade na composição de cores que a autora utilizou. A personagem principal, a velhinha, em cada nova cena está representada com roupas de cores diferentes. Também os demais personagens nem sempre são representados em suas cores reais e têm detalhes que não seriam possíveis na vida real (cachorro verde, porco com flores estampadas etc.). Esclareça que, na forma como a autora escolheu representar o universo ficcional, tudo é possível. Incentive-os a aplicar o mesmo raciocínio aos desenhos deles.

Respostas do Suplemento de Atividades

1. a) “O porco não quer atravessar a ponte, e eu não posso voltar para casa.”

b) O trecho indica a causa, o acontecimento principal que propicia o enredo. Se o porco não atravessar a ponte, a velhinha continuará solitária. Nesse sentido, a não ação do porco é a principal antagonista dessa história (explique aos alunos que o antagonista equivale a um personagem ou ação negativa que atrapalha a realização do personagem principal de uma história). Ambas as frases são pronunciadas pela velhinha, que é a personagem principal do conto.

2. O gato e a vaca. Ele quis em troca um prato com leite da vaca; a vaca, por sua vez, quis um pouco de feno em troca do leite.

3. As respostas são livres, mas é preciso que os alunos percebam a importância da colaboração mútua, já que vivemos em sociedade e absolutamente ninguém é autossuficiente. Dê exemplos do cotidiano para que eles reflitam sobre a frequente “troca de papéis” que a vida nos impõe: ajudar um colega que está com dificuldade em entender alguma matéria; ser levantado por um estranho quando se leva um tombo na rua; precisar de um livro emprestado para fazer um trabalho; dar comida a alguém que está com fome etc. Incentive-os a se lembrar de situações pelas quais passaram.

4. a) Ordem correta:

(1) velhinha (3) cachorro (5) água (7) rato

(2) porco (4) fogo (6) boi (8) gato

(9) vaca

b) Deixe os alunos dar respostas livres. Depois, faça-os perceber a estrutura lógica que possibilita a progressão da narrativa, em que a ação de cada personagem está intrinsecamente ligada à de seu antecessor e do personagem seguinte. Se a ordem fosse modificada, a coerência do texto poderia ficar comprometida. Por exemplo, se a água não aparecesse, quem poderia combater o fogo? Quem poderia caçar o rato além do gato? Ainda assim, seriam possíveis algumas alternativas: a vaca poderia ser suprimida por um prato com leite comprado no mercado; outro animal, um macaco talvez, poderia puxar o rabicó do porco, em vez de mordê-lo. Deixe que os alunos formulem e compartilhem suas hipóteses.

5. Permaneceram como na vida real: árvore, vassoura, velhinha, leite, ponte.

6. a) moeda – porco c) ponte e) água

b) sozinha d) rato

7. a) Faça a pergunta aos alunos e verifique se todos concordam, o que provavelmente ocorrerá. Apesar de se tratar de uma pergunta relativamente óbvia, ela pode chamar a atenção para a natureza do verbo **ser** – uma classe gramatical que indica ação – e que alguns verbos podem ou não se adequar a várias situações discursivas, enquanto outros (como **molhar**, **queimar**) apresentam campo semântico restrito.

b) O gato deve caçar o rato, que não quer roer o rabo do boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o cão, que não quer morder o porco, que não quer atravessar a ponte.

8. Atividade de redação. Permita que os alunos rascunhem e depois reescrevam sua própria história. Por fim, proponha que eles a ilustrem do modo como quiserem – pode ser desenho, colagem etc. – e disponibilize um mural na sala de aula para que exponham sua arte. Após a organização desse mural, cada aluno lerá sua história aos demais.